

DE OPTIMO GENERE ORATORUM



MARCO TÚLIO CÍCERO

A obra em questão foi escrita em 46 a.C., depois de *Brutus* e de *Orator*. Quando Cícero concluiu seu *Orator*, Bruto, um de seus mais caros amigos, considerou-o inacabado e falho, o que não só frustrou o grande orador, mas o motivou a escrever um opúsculo definitivo tratando da rixa dos neoáticos.

Cícero foi influenciado pelas escolas asiática e rodiana, mas era partidário da estética oratória ática. Entretanto, entre seus coevos, havia defecções e radicalizações dessa doutrina: Bruto era partidário de seguir à risca a concisão e a ligeireza discursivas aos moldes exatos de Demóstenes, de quem tinha um busto em sua casa e idolatrava como o maior orador de todos os tempos.

Cícero, contudo, objeta que esse tipo de leitura literal do estilo ático é canhestro e condena a produção textual à aridez, já que, a seu ver, Demóstenes era o supro modelo oratório e devia ser imitado, mas os neoáticos tomavam seus preceitos muito à risca e estavam longe de tornar-se oradores perfeitos. Obviamente, havia um *quid* pessoal da parte de Cícero ao tomar parte em tal contenda. Seu próprio estilo era eivado de lapidações estilísticas e prolixidade e o presente opúsculo pode ser entendido também como uma apologia de seus preceitos e uma autoconsagração como o Demóstenes latino e orador perfeito.

Ora, para fazer um texto com essa carga panfletária, Cícero concebeu traduzir, para o latim, os textos de Ésquino e Demóstenes, pró e contra Ctesifão respectivamente, acerca da egrégia polêmica da coroa, e anotar, a título de prefácio, suas ideias acerca da polêmica: Qual é o suprassumo da oratória? O que é, de fato, o verdadeiro estilo ático?

As traduções ciceronianas, lamentabilissimamente, se perderam no tempo. Em absoluto. Mas seu rico prefácio chegou a nós. Nele, apreende-se não apenas o que o grande romano ponderou acerca da estilística retórica, mas também suas ideias acerca da arte tradutória. Suas sentenças acerca do seu procedimento tradutório tornaram-se emblemáticas. Vejam-se sobre este particular os parágrafos 13-15, 18 e 23. Mas, *de nobis satis*. Vejamos Cícero discursar em vernáculo.

*Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi
brunnovgvieira@gmail.com / zolpenstein@hotmail.com
Universidade Estadual de São Paulo (Araraquara)*

DE OPTIMO GENERE
ORATORUM¹
(46 a.C.)

[I] [1] Oratorum genera esse dicuntur tamquam poetarum; id secus est, nam alterum est simplex, alterum multiplex. Poematis enim tragici, comici, epici, melicetiam ac dithyrambici², quom a Graecis est tractatum [a Latinis], suum genus est, diuersum a reliquis. Itaque et in tragoedia comicum uitiosum est et in comoedia turpe tragicum; et in ceteris suus est cuique certus sonus et quaedam intellegentibus nota uox. [2] Oratorum autem si quis ita numerat plura genera, ut alios grandis aut grauis aut copiosos, alios tenuis aut subtilis aut breuis, alios eis interiectos et tamquam medios putet, de hominibus dicit aliquid, de re parum. In re enim quid optimum sit quaeritur, in homine dicitur quod est. Itaque licet dicere et Ennium summum epicum poetam, si cui ita uidetur, et Pacuuium tragicum et Caecilium fortasse comicum.

[3] Oratorem genere non diuido; perfectum enim quaero.

O MELHOR GÊNERO DE
ORADORES
(2011)

I. [1] Diz-se que os gêneros dos oradores são como os dos poetas. Trata-se de um equívoco, já que a oratória é uma; a poesia, múltipla. Há, de fato, um gênero próprio, que difere dos demais, de poema trágico, cômico, lírico e ainda de canto coral ditirâmico, como praticado pelos gregos³. Assim, tanto o cômico é impróprio em uma tragédia, como o trágico é algo torpe em uma comédia. Cada gênero tem um determinado tom e uma certa modulação de voz discernível entre os seus conhecedores. [2] Se alguém, no entanto, distribui os oradores em vários gêneros, de forma que qualifique uns como grandíloquos, sublimes ou prolixos; outros como simples, sutis ou sucintos; e outros, ainda, situados na interseção desses gêneros, tal como são os intermediários: enuncia algo sobre caracteres humanos, pouco sobre a arte oratória. Pois, no que tange à arte, busca-se o que é melhor; no que concerne ao homem, diz-se o que ele é. Nesse sentido, pode-se declarar que Ênio seja o príncipe dos poetas épicos, se a alguém assim parece, Pacúvio dos trágicos e Cecílio, talvez, dos cômicos.

[3] Não categorizo oradores por gêneros, mas busco o orador

¹ Texto latino conforme o estabelecido em: CICÉRON. *L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les belles lettres, 1964.

² *Melici*: era o termo mais geral para se indicar a poesia lírica. *Liricus* dizia respeito, especificamente, à poesia a ser entoada na lira. O ditirambo é a forma final desse gênero para ser cantado e dançado.

³ Segue-se a sugestão de Yon quanto à supressão do termo *Latinis*, “praticado pelos Latinos”, presente em muitos manuscritos, provável glosa já que “na época de Cícero não se tinha de fato conhecimento de poesia lírica e coral que não fosse dos Gregos” (CICÉRON, 1964, p. 160).

Vnum est autem genus perfecti, a quo qui absunt non genere differunt, ut Terentius ab Accio, sed in eodem genere non sunt pares. Optimus est enim orator, qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permouet. Docere debitum est, delectare honorarium, permouere necessarium.

[4] Haec ut alius melius quam alius, concedendum est; uerum id fit non genere, sed gradu. Optimum quidem unum est et proximum quod ei simillimum. Ex quo perspicuum est, quod optimo dissimillimum sit, id esse deterrimum.

[II] Nam quoniam eloquentia constat ex uerbis et ex sententiis, perficiendum est ut pure et emendate loquentes, quod est Latine, uerborum praeterea et propriorum et tralatorum elegantiam persequamur; in propriis, ut lautissima eligamus, in tralatis, ut similitudinem secuti uerecunde utamur alienis.

[5] Sententiarum autem totidem genera sunt, quot dixi esse laudum. Sunt enim docendi acutae, delectandi quasi argutae, commouendi graues. Sed et uerborum est structura quaedam duas res efficiens, numerum et leuitatem, et sententiae suam compositionem habent, ad probandam rem accommodatum ordinem. Sed

perfeito. Há, portanto, um único gênero de perfeição, os oradores que dele se afastam, não diferem quanto ao gênero – tal como Terêncio distingue-se de Ácio⁴ –, mas são díspares dentro de um mesmo gênero. É o melhor orador aquele que, ao discursar, instrui, deleita e convence a sensível audiência. Instruir é um dever. Deleitar, uma cortesia. Convencer, uma necessidade. [4] Deve-se admitir que um orador é melhor que outro e, na verdade, isso acontece não pelo gênero, mas pelo nível de excelência. O melhor, de fato, é singular e o que dele se aproximar, mais se assemelha a ele. Donde se infere ser o pior o que lhe é mais dessemelhante.

[II] Assim, uma vez que a eloquência consiste em palavras e ideias, devemos trabalhar para que, discursando clara e corretamente, isto é, em Latim culto, alcancemos, sobretudo, a elegância nas palavras no sentido próprio e no figurado; entre os termos próprios escolhamos os mais distintos, entre os figurados, seguindo a semelhança, utilizemos com parcimônia os termos impróprios.

[5] Há tantos gêneros de ideias quanto eu disse haver de qualidades⁵. As ideias penetrantes são próprias do instruir; aquelas, por assim dizer, perspicazes, do deleitar; as sublimes, do convencer. Mas, assim como a estrutura das palavras é constituída de dois elementos, o ritmo e a leveza⁶, as ideias têm uma composição própria,

⁴ Terêncio dedicou-se à comédia; Ácio, à tragédia.

⁵ Trata-se das instâncias do *docere*, *delectare* e *permouere*, há pouco citadas.

⁶ O ritmo está relacionado caráter acústico das palavras, em que pese a quantidade (longa ou breve) dos fonemas vocálicos latinos. A leveza diz respeito à adequabilidade e precisão do significado da palavra dentro de determinado discurso, outras acepções possíveis para *leuitas* seriam “polimento” (cf. trad. de Yon), “suavidade” (Menendez y Pelayo).

earum omnium rerum [ut aedificiorum] memoria est quasi fundamentum, lumen actio. [6] Ea igitur omnia in quo summa erunt, erit perfectissimus orator; in quo media, mediocris; in quo minima, deterrius. Et appellabuntur omnes oratores, ut pictores appellantur etiam mali, nec generibus inter sese, sed facultatibus different. Itaque nemo est orator, qui Demostheni se similem nolit esse. at Menander Homeri noluit; genus enim erat aliud. Id non est in oratoribus, aut, etiam si est ut alius grauitatem sequens subtilitatem fugiat, contra alius acutiorem se quam ornatiorem uelit, etiam si est in genere tolerabili, certe non est optimus, si quidem, quod omnis laudes habet, id est optimum.

[III] [7] Haec autem dixi breuius quidem quam res petebat, sed ad id quod agimus non fuit dicendum pluribus; unum enim cum sit genus, id quale sit quaerimus. Est autem tale quale floruit Athenis. Ex quo Atticorum oratorum ipsa uis ignota est, nota gloria. Nam alterum multi uiderunt, uitiosi nihil apud eos esse, alterum pauci, laudabilia esse multa. Est

ou seja, uma ordem adequada para demonstrar uma causa. De tudo isso, porém, a memória é o alicerce, como aquele dos edifícios, e a *performance*, a luz. [6] Portanto, o orador que tiver excelência nesses elementos, será o mais perfeito; o que ficar na média, será mediano; o que os atingir minimamente, será o pior. Todos serão chamados de oradores – como também pintores se chamam os maus pintores – e não diferirão entre si quanto ao gênero, mas quanto à capacidade.

Ora, não há orador que não queira se assemelhar a Demóstenes. Por outro lado, Menandro não quis ser igual a Homero, pois seguia um outro gênero⁷. O mesmo não sucede entre os oradores. Ainda que haja alguém que seguindo o sublime fuja à sutileza ou, ao contrário, algum outro que queira ser mais penetrante que mais elegante, mesmo praticando um gênero que tolere essas variações, certamente não é o melhor orador, pois o melhor é o que reúne em si todas as qualidades.

[III][7] Discorri acerca de tudo isso, de fato, mais brevemente que o assunto demandava, mas para o que estamos tratando aqui não foi necessário ser dito mais. Se há um único gênero, é ele que procuramos. Pois bem, trata-se daquele que floresceu em Atenas⁸. Ignorou-se a fonte da força expressiva dos oradores áticos⁹, mas foi reconhecida sua glória.¹⁰ Por isso, muitos

⁷ Menandro escreveu comédias; Homero, poesia épica.

⁸ C. defende neste texto a supremacia do estilo ático ou aticismo. Esta obra surge em resposta a uma polêmica contra os chamados neoáticos, jovens oradores liderados por Bruto e Calvo que entendiam ser o aticismo um estilo conciso e direto.

⁹ Áticos, adjetivo pátrio, o mesmo que atenienses.

¹⁰ Yon esclarece essa frase à luz da contenda entre C. e os neoáticos: se agora se criticam os áticos sem os conhecerem a fundo, quer dizer que sua própria existência já é objeto de glória, ou seja, os modernos reafirmam os clássicos ao confrontá-los.

enim uitiosum in sententia, si quid absurdum aut alienum aut non acutum aut subinsulsum est; in uerbis, si inquinatum, si abiectum, si non aptum, si durum, si longe petitum. [8] Haec uitauerunt fere omnes, qui aut Attici numerantur aut dicunt Attice. Sed quatenus ualuerunt, sani et sicci dumtaxat habeantur, sed ita ut palaestritae, spatari in xysto ut liceat, non ab Olympiis coronam petant. Qui cum careant omni uitio, non sunt contenti quasi bona ualetudine, sed uiris, lacertos, sanguinem quaerunt, quandam etiam suauitatem coloris, eos imitemur, si possumus; si minus, illos potius qui incorrupta sanitate sunt, quod est proprium Atticorum, quam eos, quorum uitiosa abundantia est, quales Asia multos tulit.

[9] Quod cum faciemus — si modo id ipsum assequemur; est enim permagnum, — imitemur, si potuerimus, Lysiam et eius quidem tenuitatem potissimum; est enim multis locis grandior, sed quia et priuatas ille plerasque et eas ipsas aliis et paruorum rerum causas scripsit, uidetur esse ieiunior, cum se ipse consulto ad minutarum causarum genera limauerit.

constatarem não haver nada de impróprio nas obras dos áticos, outros poucos que há neles muito a se louvar.

Algo é impróprio no nível da ideia, se for absurdo, disparatado, superficial ou insosso; no nível das palavras, se for impuro, baixo, inadequado, duro e preciosista. [8] Torpezas que todos os áticos e quem quer que discursasse ao modo ático sempre evitaram. Eles a tal ponto se esmeraram que são considerados saudáveis e enxutos, como os esportistas, que podem se alongar em um ginásio coberto, sem aspirar à coroa dos jogos Olímpicos. Esses tão logo se isentam de tudo que é impróprio, não se contentam com um preparo físico, por assim dizer, bom, mas buscam força, músculos e vigor, bem como uma branda cor: devemos imitá-los, se pudermos; ou, ao menos, imitemos preferentemente aqueles que têm uma saúde íntegra, o que é natural dos áticos, ao invés daqueles outros de corpulência imprópria, os quais a Ásia muito prodigamente sempre gerou.¹¹

[9] Quando praticarmos o estilo ático — se ao menos dele nos acercamos, o que já é algo grandioso —, imitemos, se formos capazes, Lísias e, de preferência, sua simplicidade. Ele é grandíloquo em muitos segmentos, mas, por ele ter escrito tanto pequenas causas de assuntos corriqueiros como muitas delas sobre assuntos particulares em prol de terceiros, parece ser um autor mais árido, ao passo que ele mesmo teria propositalmente se aperfeiçoado nesses gêneros de

¹¹ C. é afeito a metáforas no campo da saúde e forma física para a descrição dos estilos oratórios, como comprova este passo do *Orator*, 25 em que ele define o asianismo: “Cária, Frígia e Mísia (regiões da Ásia Menor), por que pouco instruídas e elegantes, adotaram um gênero de dicção apropriado aos seus ouvidos, pesado (*opimum*) e como que engordurado (*adipale*)”.

[IV] Quod qui ita faciet, si cupiat uberior esse, non possit, habeatur sane orator, sed de minoribus. Magno autem oratori etiam illo modo saepe dicendum est in tali genere causarum. [10] Ita fit ut Demosthenes certe possit summis dicere, elate Lysias fortasse non possit. Sed si eodem modo putant exercitu in foro et in omnibus templis, quae circum forum sunt, collocato dici pro Milone¹² decuisse, ut si de re priuata ad unum iudicem diceremus, uim eloquentiae sua facultate, non rei natura metiuntur.

[11] Quare quoniam nonnullorum sermo iam increbruit partim se ipsos Attice dicere, partim neminem nostrum dicere, alteros neglegamus; satis enim eis res ipsa respondet, cum aut non adhibeantur ad causas aut adhibiti derideantur; nam si rideretur, esset id ipsum Atticorum.

Sed qui dici a nobis Attico

causas sucintas por natureza.

[IV] Se algum praticante desse gênero almejasse ser mais abundante, sem podê-lo, esse sim seria considerado um orador, mas dentre os menores, muito embora também ao grande orador seja conveniente amiúde se expressar dessa maneira em se tratando de causas desse gênero. [10] Acontece que Demóstenes poderia certamente discursar com simplicidade; a Lísias, talvez, fosse impossível fazê-lo com arrebatamento. Por outro lado, se, nesse mesmo gênero, julgam que foi conveniente termos pronunciado o *Pro Milone* (“Discurso em defesa de Milão”) com o exército posicionado no foro e em todos os templos que o circundam, como se discursássemos sobre um assunto particular diante de um único juiz¹³, avalia-se a força da eloquência pela sua própria potencialidade, não pela natureza do assunto.

[11] Por essa minha posição, um boato se espalhou pela boca de não pouca gente: uns dizendo que só eles discursavam ao modo ático; outros que ninguém dos nossos assim discursaria. Desprezemos aqueles primeiros, por si só os fatos lhes respondem a contento: não são convidados para causas judiciais, ou, quando são convidados, eles mesmos são motivo de riso; ao passo que se provocassem o riso, sem ser objeto dele, isso sim seria próprio dos áticos.

Diferentemente, aqueles que

¹² Em 52 Milão, do partido aristocrático, dera ordens de matar Clódio, um tribuno, que seria um concorrente seu para a eleição ao consulado. Diante da confusão que isso causou, Pompeu é eleito como cônsul único e se empenha em cassar o réu que tinha em Cícero seu defensor (*Pro Milone*). Pompeu, rodeando de tropas o tribunal, impediu que o processo prosseguisse nas normais condições de tranqüilidade e imparcialidade requeridas. Milão é condenado e exilado.

^{13 14} Note-se que C. contesta o argumento dos neo-áticos e define como modelo único e maior Demóstenes.

more nolunt, ipsi autem se non oratores esse profitentur, si teretes auris habent intellegensque iudicium, tamquam ad picturam probandam adhibentur etiam inscii faciendi cum aliqua sollertia iudicandi; [12] sin autem intellegentiam ponunt in audiendi fastidio neque eos quicquam excelsum magnificentumque delectat, dicant se quiddam subtile et politum uelle, grande ornatumque contemnere; id uero desinant dicere, qui subtiliter dicant, eos solos Attice dicere, id est quasi sicce et integre. Et ample et ornate et copiose cum eadem integritate Atticorum est. Quid? dubium est, utrum orationem nostram tolerabilem tantum an etiam admirabilem esse cupiamus? Non enim iam quaerimus quid sit Attice, sed quid sit optime dicere.

[13] Ex quo intellegitur, quoniam Graecorum oratorum praestantissimi sint ei, qui fuerint Athenis, eorum autem princeps facile Demosthenes, hunc si qui imitetur, eum et Attice dicturum et optime, ut, quoniam Attici nobis propositi sunt ad imitandum, bene dicere id sit Attice dicere.

[V] Sed cum in eo magnus error esset, quale esset id dicendi genus, putavi mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi

não querem ser categorizados por nós como áticos, declarando que sequer são oradores, se possuem um ouvido sensível e um razoável senso crítico, é como se convidássemos para avaliar uma pintura pessoas, com algum discernimento, mas que não sabem fazê-la. [12] Se há aqueles que, contudo, dispõem sua inteligência a desdenhar do que ouvem, e nem mesmo algo excelente e magnífico os deleita, que fiquem então dizendo que querem algo sutil e refinado e que desdenham algo grandiloquente e elegante, todavia, que esses oradores de sutilezas deixem de dizer que apenas eles discursam ao modo ático, isto é, de modo enxuto e íntegro.

É natural dos áticos um dizer majestoso, elegante e prolixo com um comedimento que lhes é próprio. Que mais direi? Há dúvida se haveríamos de desejar um discurso tão somente tolerável, ou antes um discurso digno de admiração? Já não procuramos o estilo dos áticos, mas o melhor modo de discursar.

[13] Diante disso, considerando que os mais altanados dentre os oradores gregos são aqueles de Atenas, sendo Demóstenes, tranquilamente, o primeiro dentre eles, se há alguém que o imite, discursará ao modo ático e, portanto, da melhor maneira, tanto que, por terem sido os áticos apresentados a nós como dignos de imitação, discursar bem significa discursar ao modo ático.¹⁴

[V] Entretanto uma vez que tenha ocorrido um tremendo equívoco sobre qual seja exatamente este gênero de discurso, julguei

¹⁴ Note-se que C. contesta o argumento dos neo-áticos e define como modelo único e maior Demóstenes.

quidem ipsi non necessarium. [14] Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpretes, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruauit. Non enim ea me annumerare lectori putauit oportere, sed tamquam appendere. [15] Hic labor meus hoc adsequitur, ut nostri homines, quid ab illis exigant, qui se Atticos uolunt, et ad quam eos quasi formulam dicendi reuocent, intellegant.

Sed exorietur Thucydides; eius enim quidam eloquentiam admirantur. Id quidem recte; sed nihil ad eum oratorem, quem quaerimus. Aliud est enim explicare res gestas narrando, aliud argumentando criminari crimenue dissolvere; aliud narrantem tenere auditorem, aliud concitare. “At loquitur pulchre.” [16] Num melius quam Plato? Necesse est tamen oratori quem quaerimus controuersias explicare forensis dicendi genere apto ad docendum, ad delectandum, ad permouendum.

[VI] Quare si quis erit, qui se Thucydideo genere causas in foro

que devia assumir um trabalho útil aos estudiosos, visto que a mim isso seria algo desnecessário. [14] Traduza, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes¹⁵. E não os traduza como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considere necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las. [15] Este meu trabalho intenta que os nossos homens compreendam o que devem exigir daqueles que se querem áticos e a qual fórmula discursiva, por assim dizer, devem remetê-los.

Mas alguém mencionará Tucídides, pois se admira a eloquência dele. Esse estilo é, de fato, correto, porém de nada vale para o orador que procuramos. Uma coisa é concatenar fatos históricos narrando, outra é, argumentando, incriminar ou defender alguém de um acusação. Uma coisa é contar histórias diante da audiência, outra é arrebatá-la. ‘Mas ele fala de modo esplêndido’, dizem. [16] Acaso ele é melhor que Platão? Necessita o orador que almejamos desenvolver controuersias forenses num estilo oratório digno de instruir, de deleitar e de convencer. [VI] Porque se houver alguém dizendo que

¹⁵ *Contra Ctesifão* é o discurso de Ésquino, *Oração da Coroa*, o de Demóstenes. Sobre essas peças, C. as trata muito didaticamente no parágrafo 19, apresentado inclusive a contextualização histórica e política em que se deu essa causa judicial.

dicturum esse profiteatur, is abhorrebit etiam a suspicione eius quod uersatur in re ciuili et forensi; sin Thucydidem laudabit, adscribat suae nostram sententiam.

[17] Quin ipsum Isocratem, quem diuinus auctor Plato suum fere aequalem admirabiliter in Phaedro laudari fecit ab Socrate, quemque omnes docti summum oratorem esse dixerunt, tamen hunc in numerum non repono. Non enim in acie uersatur nec ferro, sed quasi rudibus eius eludit oratio.

A me autem, ut cum maximis minima conferam, gladiatorum par nobilissimum inducitur, Aeschines, tamquam Aeserninus, ut ait Lucilius, non spurcus homo, sed acer et doctus

cum Pacideiano hic componitur,—optimus longe post homines natos—.

Nihil enim illo oratore arbitror cogitari posse diuinius.

[18] Huic labori nostro duo genera reprehensionum opponuntur. Vnum hoc: 'Verum melius Graeci.' A quo quaeratur ecquid possint illi melius Latine? Alterum: 'Quid istas potius legam quam Graecas?' Idem Andriam et Synephebos nec minus [Terentium et Caecilium quam Menandrum legunt, nec] Andromacham aut Antiopam aut Epigonos Latinos recipiunt; [sed tamen Ennium et Pacuuium et Accium potius quam Euripidem et Sophoclem legunt]. Quod igitur est eorum

professará as causas judiciais no foro ao modo de Tucídides, este nem sequer suspeita o que se passa na prática civil e judiciária. Mas, se ele quiser reverenciar Tucídides em um encômio, pode juntar aos seus argumentos algum de nossa lavra.

[17] O próprio Isócrates, que o supremo Platão, seu quase contemporâneo, fez ser louvado por Sócrates em seu *Phaedrus* ("Fedro") e que todos os homens doutos afirmaram ser um orador sublime, eu, todavia, não o tenho neste grupo. De fato, seu discurso não é versado em lâminas ou em metálicos gládios, mas é como se brandisse uma espada de pau.

Estou, então, induzindo um duelo de dois excelentíssimos gladiadores, de modo a contrapor o medíocre ao sublime: Ésquino, como o gladiador Esernino – não aquele desprezível, segundo diz Lucílio, mas alguém dotado de argúcia e instrução,

"ele se emparelha contra o Pacideiano¹⁶, de longe o melhor dos homens que já nasceram".

Nada, por conseguinte, julgo que possa ser imaginado de mais supremo que este segundo orador.

[18] A esta nossa obra opõem-se duas espécies de objeções. Uma delas é: 'Muito melhores são os autores Gregos'. A partir do que se questionaria: eles poderiam ser algo melhor discursando em Latim? A outra: 'Por que eu leria preferencialmente estes discursos ao invés dos gregos?' Esses mesmos são o público da *Ándria* e dos *Sinefebos*, e não leem Terêncio e Cecílio menos que Menandro; nem são público de *Andrômaca* ou de *Antíope* ou dos *Epígonos Latinos* na

¹⁶ Pacideiano, i. é, Demóstenes. *Vide* nota anterior.

in orationibus e Graeco conuersis fastidium, nullum cum sit in versibus?

[VII] [19] Sed aggrediamur iam quod suscepimus, si prius exposuerimus, quae causa in iudicium deducta sit. Cum esset lex Athenis, “ne quis populi scitum faceret ut quisquam corona donaretur in magistratu prius quam rationes rettulisset; et altera lex, eos qui a populo donarentur, in contione donari debere; qui a senatu, in senatu”, Demosthenes curator muris reficiendis fuit eosque refecit pecunia sua; de hoc igitur Ctesiphon scitum fecit nullis ab illo rationibus relatis, ut corona aurea donaretur eaque donatio fieret in theatro populo conuocato, qui locus non est contionis legitimae, atque ita praedicaretur, eum donari uirtutis ergo beneuolentiaeque quam is erga populum atheniensem haberet.

[20] Hunc igitur Ctesiphontem in iudicium adduxit Aeschines quod contra leges scripsisset, ut et rationibus non relatis corona donaretur et ut in theatro, et quod de uirtute eius et beneuolentia falsa scripsisset, cum Demosthenes nec uir bonus esset nec bene meritus de ciuitate. Causa ipsa abhorret illa quidem a formula consuetudinis nostrae, sed est magna. Habet enim

versão grega, mas leem Ênio, Pacúvio e Ácio preferencialmente a Eurípides e Sófocles. Que menosprezo, então, eles têm face aos discursos oratórios traduzidos do Grego, se nada consta em relação às obras em versos?

[VII] [19] Mas já estaremos tratando da nossa proposta, se, antes de tudo, expusermos qual a causa que foi trazida a julgamento por aqueles dois oradores. Havendo em Atenas esta lei : ‘é proibido fazer um decreto popular com o intuito de conceder a condecoração da coroa a algum magistrado em atividade, antes de sua prestação de contas’, e ainda uma segunda ‘aqueles que forem condecorados pelo povo, devem receber a honraria numa assembleia; os que o forem pelo senado, no Senado’, Demóstenes foi encarregado da reforma dos muros e os reconstruiu às suas próprias expensas. A esse respeito, portanto, não havendo contas a serem prestadas pelo magistrado, Ctesifão emitiu o seguinte decreto: ‘que fosse dada a coroa de ouro a Demóstenes com a presença do povo no teatro e, sendo esse um lugar ilegítimo para uma assembleia, que se proclamasse que Demóstenes era condecorado por causa de sua virtude e benevolência prestadas em favor do povo ateniense’.

[20] Ésquino, por sua vez, levou Ctesifão a julgamento, pois ele teria legislado contra as leis diante do fato de a coroa ter sido atribuída sem a prestação de contas, e em um teatro, e ainda que ele tivesse legislado sobre uma falsa virtude e benevolência, uma vez que Demóstenes nem era um bom homem, nem um benemérito da cidade.

et legum interpretationem satis acutam in utramque partem et meritorum in rem publicam contentionem sane grauem.

[21] Itaque causa fuit Aeschini, cum ipse a Demosthene esset capitis accusatus, quod legationem e mentibus esset, ut ulciscendi inimici causa nomine Ctesiphontis iudicium fieret de factis famaue Demosthenis. Non enim tam multa dixit de rationibus non relatis, quam de eo quod cuius improbus ut optimus laudatus esset.

[22] Hanc multam Aeschines a Ctesiphonte petiuit quadriennio ante Philippi Macedonis mortem; sed iudicium factum est aliquot annis post Alexandro iam Asiam tenente; ad quod iudicium concursus dicitur e tota Graecia factus esse. Quid enim tam aut uisendum aut audiendum fuit quam summorum oratorum in grauissima causa accurata et inimicitias incensa contentio?

[23] Quorum ego orationes si, ut spero, ita expressero uirtutibus utens illorum omnibus, id est sententiis et earum figuris et rerum ordine, uerba persequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro (quae si e Graecis omnia conuersa non erunt, tamen ut generis eiusdem sint, elaborauimus), erit regula, ad quam eorum dirigantur orationes qui Attice uolent dicere. Sed de nobis satis. Aliquando enim Aeschinem ipsum Latine dicentem

Uma causa assim se afasta do protocolo de nossa prática forense, mas é uma causa relevante. Há nela tanto um entendimento profundo das leis de cada uma das partes envolvidas, como também um debate verdadeiramente sublime sobre as condecorações numa república.

[21] Ésquino, tendo sido anteriormente acusado de pena capital por Demóstenes por ter forjado uma embaixada, apresenta essa causa a fim de que, por vingança, se fizesse uma acusação em nome de Ctesifão sobre os feitos e sobre a reputação de Demóstenes, seu inimigo. Dessa forma, não muito se tratou da não prestação de contas, mas sim sobre o fato de um cidadão desonesto que teria sido louvado como o melhor dos homens.

[22] Ésquines reclamou em juízo essa punição de Ctesifão, quatro anos antes da morte de Filipe da Macedônia, contudo o pleito só foi executado alguns anos depois, quando Alexandre já tinha posse da Ásia. Diz-se que pessoas de toda a Grécia compareceram ao embate. O que houve de mais digno de ver ou de ouvir que esse processo esmerado e inflamado pelas inimizades em uma causa importantíssima?

[23] Se eu tiver expressado o discurso deles, segundo desejo, utilizando-me de suas qualidades todas, —aquelas presentes nos argumentos, seja no tocante às figuras de linguagem, seja na sua concatenação—, e perseguindo até mesmo suas palavras, desde que elas não se distanciassem do nosso uso (se não traduzimos todos os termos do grego, estivemos, contudo, trabalhando intensamente para que fosse mantido o mesmo gêne-

audiamus.

ro), haverá aqui um modelo, para se cotejarem os discursos daqueles que quiserem se exprimir ao modo ático. Mas basta de palavras nossas. Ouçamos, finalmente, o próprio Ésquino discursar em latim.

*Trad. de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi
brunnovgvieira@gmail.com / zolpenstein@hotmail.com
Universidade Estadual de São Paulo (Araraquara)*

*Fonte: Cicéron. L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs.
Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.*

Referências bibliográficas

- CICÉRON. *Cicéron y sés ennemis littéraires ou Le Brutus, L'orator et De Optimo Genere Oratorum*. Suivi du texte annoté du De Optimo Genere Oratorum. Paris: Klicksieck, 1886.
- CICERÓN. *Del óptimo género de los oradores*. Introducción, traducción y notas de Bulmaro Reys Coria. México: Universidad Nacional Autónoma del México, 2008.
- CICÉRON. *Du meilleur genre d'éloquence*. In: _____. *Oeuvres Completes*. Trad. M. Nisard. Tome I. Paris: Firmin Didot Frères, 1875. p. 536-540.
- CICÉRON. *L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les belles lettres, 1964.